

ESCOLA, SABERES E PRODUÇÕES DISCURSIVAS: A DIFERENÇA COMO POSSIBILIDADE DE SINGULARIDADE

Vanessa Regina de Oliveira Martins¹
UNICAMP/FE

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo levantar uma reflexão conceitual sobre a questão das diferenças – tomadas como singularidades – dentro do contexto escolar. Para tal proposta será necessário caracterizar a escola como lugar de fronteiras, todavia, como espaço híbrido e movediço. Utilizarei como referencial teórico, autores da filosofia de tradição francesa, mais especificamente, Michel Foucault e Gilles Deleuze. Como base para a problematização teórica desenvolvida no corpo do texto serão levantadas questões acerca da educação de surdos. Nesse contexto, percebe-se que a marca da surdez, revela no corpo do aluno surdo outras formas de aprendizagem, mostrando, portanto, outro modo de ser aluno. Alguns trechos do filme “Entre os muros da escola” serão também usados como fio condutor para o processo de se repensar as questões decorrentes das diferenças, das fronteiras e do ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; diferenças; surdez; fronteiras.

ABSTRACT

This study aims to bring some conceptual reflections regarding the differences in daily school life and its constant hybrid and shifting borders. As theoretical base there are philosophers of French tradition, specifically Michel Foucault and Gilles Deleuze. As a base to the theoretical discussion developed in this text there are questions concerning deaf education. In this context we can see that the deaf person have other ways to learn and therefore be a student at school. Moreover, scenes of the movie “Between the walls” are discussed so to rethink issues regarding differences, borders and education.

KEYWORDS: Education; differences; deafness; borders.

¹ Vanessa Regina de Oliveira Martins – Doutoranda em Educação pela UNICAMP na Faculdade de Educação (Grupo DIS – Diferenças e subjetividades em Educação). Orientadora: Profa. Dra. Regina Maria de Souza. Título do trabalho de pesquisa: Do Intérprete de Língua de Sinais ao Educador: As múltiplas e singulares faces do acontecimento no ensino de surdos.
Mestre em Educação pela UNICAMP. Especialista em Psicopedagogia pela UNIBEM/ATUALIZE.
Pedagoga com habilitação em Educação Especial pela PUCCAMP.
E-mail: Vanymartins@hotmail.com

**Se o que vai dizer não é mais importante que o
silêncio: cale-se!**

Trecho do filme: “Entre os muros da escola”

A motivação para a produção deste ensaio surgiu a partir de muitos encontros: diálogos com acadêmicos, trocas coletivas, discussões em grupos de pesquisa² e reflexões teóricas com base em certa bibliografia dirigida.

Todo ato de escrita tem como demanda uma certa inquietação que é responsável por mover o autor a criar e articular algo, quer seja um texto, uma arte, uma peça ou uma música. Além da motivação proveniente dos encontros mencionados acima, o responsável por produzir tamanha inquietação no meu pensamento, e que, assim, permitiu a passagem da reflexão ao ato de produção do presente texto, isto é, sentar e escrevê-lo, foi o encontro com o filme “Entre os muros da escola”³, cujas cenas marcantes me incomodaram de tal modo levando-me a pensar acerca da realidade escolar, caracterizada pela presença das multiplicidades de sujeitos, suas experiências e as fronteiras culturais e linguísticas trazidas para o interior da escola. São as diferenças de cada sujeito e suas resistências que mantêm certo modelo de relacionamento com a alteridade, no espaço institucional.

Portanto, o que pretendo aqui é viabilizar certa vazão ao pensamento inquieto e ávido por expressar-se. Serão feitas algumas articulações entre o pensamento de Michel Foucault (1999) e as questões da diferença no contexto escolar, mais especificamente aquelas presentes no espaço de uma escola inclusiva, e no que tange a educação e a presença de pessoas surdas na escola regular. Para tais reflexões trago como contribuição a filosofia foucaultiana, na proveniência de suas produções acerca das formações discursivas, e suas implicações nas relações interpessoais, no que se refere aos jogos de verdade, às relações de poder e, ainda, na tríade estabelecida (em sua filosofia) entre o poder, o saber e a verdade. Neste trabalho serão observadas as relações estabelecidas entre os vários sujeitos, as verdades produzidas no interior da escola e as resistências diante das verdades criadas que apagam, ou tentam homogeneizar, as diferenças – isso podendo ser até dentro de uma escola que se propõe ser inclusiva, mas que não respeita as diferenças no modo de aprender de seus alunos. Aqui me refiro mais particularmente às questões da educação de surdos, amplamente discutidas em trabalhos de pesquisadores que tomam como premissa a constituição linguística do surdo pela língua de sinais, a necessidade de uma escola bilíngüe em que a língua de sinais circule de modo real e seja estabelecida como língua de instrução de fato (SOUZA, 2006; LACERDA, 2004; LODI & LACERDA, 2009).

² Deve-se mencionar o modo como o grupo se propunha a pensar as questões do saber: entendido como levantamento de certa proposta e produção científica em um determinado campo, do poder, como um processo de ação/controlado exercido entre as pessoas e os saberes produzidos historicamente, e dos jogos de verdades, que consistem nas relações em rede exercidas entre os sujeitos e emergentes em um contexto histórico e social demarcado, fundamentado nas produções teóricas balizadas por Michel Foucault (1999).

³ Escrito pelo cineasta francês Laurent Cantet, este filme venceu a Palma de Ouro no festival de Cannes de 2008. Mostra, de forma bem realística, alguns dramas e encontros ocorridos no interior de uma escola.

Como pressuposto, portanto, supõe-se que a escola seja um espaço em que transitam saberes e no qual verdades são elaboradas e produzidas nas relações entre os vários sujeitos (professores, alunos, gestores, famílias).

Ao referir a escola como lugar de produção discursiva, de verdades, muitas vezes dogmáticas e essencialistas, de produção de conhecimentos e saberes, não se pode deixar de mencionar que nesse mesmo contexto há também produção de resistências, as quais emergem justamente na contramarcha das verdades produzidas a respeito do outro, incluindo aspectos de seu corpo e do modo com que esse outro deve se fazer sujeito. Tais resistências servem a toda forma de controle social, ou de manutenção da homogeneidade do modo de ser: aluno, estudante, sujeito. Quando, entretanto, cada educando decide manter-se sujeito em sua diferença radical, tendo em vista as multiplicidades que cada sujeito opera na criação e produção de seu saber, os acontecimentos que operam o novo e o inusitado, e as fronteiras entre a verdade produzida e as singularidades existenciais são levantadas, emergindo com isso múltiplas formas e relações de enfrentamento no interior da escola (VILELA, 2006).

Seguindo essa linha, Vilela (2006, p. 107) propõe que “[...] resistir é criar um modo de respiração que rompe o espaço contínuo de um tempo linear. [...] uma forma de abertura à atualidade do presente: ao acontecimento.”

Trata-se, então, de pensar a partir do descontínuo. O que supõe focalizar a atenção nas palavras fragmentárias, no movimento dos corpos, no silêncio que envolve os corpos e as palavras enquanto expressões das energias e desfalecimentos. Na vulnerabilidade da sua afirmação, eles afiguram-se como acontecimentos que irrompem no espaço histórico. Esses actos constituem-se como gestos de resistências, ou seja, gestos que expressam a força de um devir e de um sentido que é sempre, enquanto resistência, um *devir-minoritário*. (VILELA, 2006, p. 110).

Os discursos, as práticas discursivas operam saberes postos em relação. Neste sentido a linguagem e suas formas de expressão provocam reações nos sujeitos, portanto, o silêncio diz. A inquietude do aluno em sala é um sinal de que algo mobiliza seu corpo à resistir; algo o incomoda, pois seu corpo quer produzir outra coisa. E essa inquietude é difícil de ser lidada em uma sala em que todos devem aprender no mesmo tempo e produzir o mesmo conhecimento. Tarefa difícil: ser educador!

Com essa entrada, apresento a intenção deste artigo, pensar a questão da diferença e da resistência no ambiente escolar com base nas experiências que tenho presenciado (como educadora de surdos) da surdez como alteridade que convoca certa singularidade: aprender e se fazer sujeito através de uma língua não majoritária e que muitas vezes traz muitos estranhamentos, medos e também resistências entre os professores e a comunidade escolar. Falante da língua de sinais, tal discente é posto dentro do grupo privilegiado pelo sistema de inclusão. O que se percebe, todavia, é que em diversas situações, o aluno surdo é submetido a um regime de verdades sobre seu corpo, que não lhe é apropriado; isto é, a necessidade de expressar através e, até, exclusivamente pela comunicação oral, de aprender certos conteúdos por meio de uma língua oral-auditiva

(como a língua portuguesa, por exemplo) que não lhe é familiar, não sendo respeitado, dessa forma, sua diferença e especificidade linguística.

Todavia, são nas resistências surdas, quando seu corpo surdo decide re-existir e se fazer sujeito de modo diferente da proposta *ideal de uma inclusão homogeneizadora*, insistindo manter-se aluno pela língua de sinais, que as fronteiras se rompem, as máscaras caem e os rostos se mostram. Não quero aqui anular a possibilidade de alunos surdos preferirem o uso da modalidade oral de uma língua. O que quero marcar é a possibilidade de coabitação das diferenças na escola, de modo que não sejam apagadas ou neutralizadas numa forma de inclusão perversa.

Quando incluir passa a ser uma meta, sem se pensar nos (des)caminhos e conseqüências que sofreram tal espaço, mostra-se a fragilidade de uma ação meramente discursiva em que não se repensa a prática do fazer da inclusão, na singularidade de cada um, para além de corpos postos num espaço comum de ensino. De fato o encontro com o diferente proporciona mudanças de postura, mas isso não tira o peso que a escola tem: formar educandos. E o compromisso com a formação vai além do encontro com o diferente, pressupõe respeito ao modo de ser do outro e do modo de aprender deste outro. A diferença em si (diferença radical), que insiste em se presentificar na sala de aula, em diversas situações, tais como: presença constante de alunos que não aprendem, de alunos que não estão interessados no conteúdo que está sendo transmitido nas aulas, daqueles que costumam discordar indiscriminadamente de diversos assuntos apresentados pelo professor (tidos como os “do contra”) ou dos que se comportam de modo a “guetizar-se”, isto é, formam, junto com outros, pequenos grupos (nome corriqueiro dado ao grupo de surdos que se une em laços fraternos dentro da escola, visto terem a língua de sinais como elemento comum entre eles, e que lutam para manter a presença de suas diferenças linguísticas naquele espaço), é um elemento minoritário que provoca constantemente criações e novas ações, por ser elemento de resistência. Resistir é portanto uma forma de enfrentar a mesmidade, os discursos e produzir diferenças.

Nomeio de fronteira escolar os espaços de saberes em que se mesclam as diferenças, nos quais muitas vezes tais saberes são irrompidos e postos em uma relação de força e luta.

Com isso, levantam-se as perguntas: que atitude deve ser tomada quando, na escola, aquele que exerce a função de mestre desconhece a língua por meio da qual seu aluno se constitui sujeito e que língua será escolhida para se apresentar como mediadora da aprendizagem?

São as relações percebidas nas fronteiras da escola, entre os alunos surdos e a comunidade escolar, e, ainda, as várias narrativas fílmicas (aquelas presentes em “Entre os muros da escola”) trazidas e interpretadas por mim neste trabalho que colaborarão e farão linha nesta produção textual. Pensar os vários muros que podem ser construídos, ou desconstruídos, no interior da instituição escolar é sem dúvida um passo que possibilita a compreensão de que tais fronteiras não são tão demarcadas, e que nelas se escorregam, se mesclam e se hibridizam saberes.

É deste lugar teórico que a presente produção discursiva é tramada, utilizando-se ainda do campo conceitual proveniente da filosofia francesa de Michel Foucault (1999) e

das contribuições de alguns interlocutores, tais como: Deleuze (1992), Deleuze e Guattari (1992) e Souza (2009).

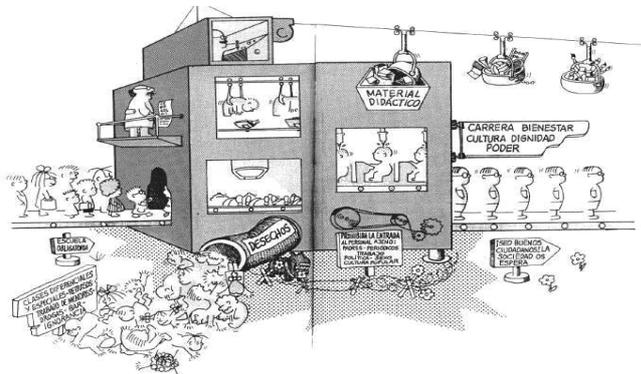
A citação apresentada em seguida vem ao encontro das propostas aqui levantadas, decorrentes de uma concepção de filosofia entendida como uma possibilidade de articulação e criação conceitual de novos modos de ação, atuando como mobilização para pensar as fronteiras da escola e seus múltiplos apagamentos, isto é, suas múltiplas possibilidades de resistências, agenciadas com base nos acontecimentos vivenciados no interior dos espaços escolares. Desterritorializar a educação é enfrentar e mover as produções de verdades, tão presentes na sociedade, para um outro lugar; um novo modo de encarar as formas de aprender, e porque não, de entender as diferenças (DELEUZE, 1992; DELEUZE, GUATTARI, 1992).

Pensar a educação é desterritorializá-la. (...) Desterritorializar a educação é, logo, fazer com que o pensamento educacional diga não a si mesmo, se separe de si mesmo, pense o impensado em si mesmo (...) criar a educação é ainda um modo de a conhecer (FADIGAS, 2003, p. 11).

É dessa maneira que pretendo deixar rastros, marcas de escritas, caminhos percorridos, como tentativas de encontros e possibilidades de se conhecer mais a educação e seus atravessamentos sociais, culturais e discursivos; abrindo frestas e caminhos para a produção de outras ideias e pensamentos sobre o campo educacional e suas (im)possibilidades de criação e de contato com a diferença. Sem a intenção de apagar ou anular a diferença em um espaço de mesmidades, mas mantendo-as com suas mesclas, nas misturas das/entre as fronteiras hibridizadas com a presença do outro. Desse modo, pode-se pensar em uma inclusão na qual sejam criados espaços em que as diferenças se mantenham vivas. Entendendo, portanto, que é pela via da resistência ou da re-existência dos sujeitos que a diferença é capaz de se deslocar e se potencializar em ações inventivas.

O problema desencadeador do presente texto pode ser apresentado pelas seguintes questões: como conviver com a diferença sem fagocitá-la em uma identidade homogênea? A tentativa de respondê-lo é marcada pela aparição de algumas outras perguntas e alguns outros problemas, no caso: como não buscar uma identidade no outro? Como mesclar com a diferença, gerada pelo outro híbrido, sem a pretensão de destacar, agrupar ou classificar o que é de um e de outro? Será que a escola está aberta para acolher as diferenças sem aprisioná-las?

1. MICHEL FOUCAULT: SOBRE A ESCOLA, O DISCURSO E AS VERDADES PRODUZIDAS



Tonucci

A escolha desta imagem se deu estrategicamente, uma vez que neste tópico pretendo discutir as variadas formas de produções de verdades no espaço escolar e as muitas possibilidades de desconstruções, como forma de balizar a estrutura de poder – como forma de resistir as verdades produzidas. Como utilizo as ferramentas conceituais criadas pelas teorias de Michel Foucault (1999), problematizar as instituições e suas relações interpessoais e de poder - dentre elas a escola como local de reprodução de saberes, que se movimentam e são produzidos num sistema de verdade – é uma estratégia de grande valia. A escola é um local onde os saberes circulam entre e nos sujeitos. Nela encontramos experiências singulares e histórias cotidianas (muitas vezes apagadas), desta forma, e potencialmente, a escola é um espaço formador de subjetividades.

Nessa via, a instituição escolar, pode propiciar espaços de discussões, reflexões, deslocamentos e (des)encontros, entre os alunos e os educadores. É sem dúvida um local que pode promover o encontro com as diferenças, ou, de forma contrária pode, ainda, manter a reprodução em série de sujeitos que servem e seguem um modelo social proposto e vigente. Pensando para além da diferença que constitui o sujeito (surdos, negros, índios, etc.), a escola pode servir como agente de produção de sujeitos com *competência* para atender as demandas de um *mercado capitalista que é altamente competitivo e visa lucros* – e se assim for, fica nítido o investimento *nas competências técnicas*: o fazer ao invés do pensar. O aluno visto como produto a ser lapidado para ser “utilizado” no mercado de trabalho. Desta forma, as competências, o conhecimento adquirido, incorporado em seu corpo, é uma importante ferramenta, que o absorverá (para qualificá-lo como apto ou inapto) no espaço do trabalho. Assim, dominar o conhecimento ensinado na escola é uma possibilidade de ascensão social. E, pensando na educação de pessoas surdas sinalizadoras, dominar o conhecimento numa escola que opta por manter o uso da língua portuguesa sem atentar as questões lingüísticas do surdo, é desde já colocá-lo em desvantagem de ensino – ainda que não concorde com essa visão utilitarista da educação, uma educação muito profissionalizante, sabemos que na luta diária por um emprego é necessário dominar conteúdos. E neste sentido como manter uma educação de surdos sem a valorização da língua de sinais?

Como manifestação de descontentamento ao modo capitalista em que se impera uma educação instrumental, trago a citação abaixo:

Não podemos continuar reproduzindo uma concepção de escola em que o conhecimento é visto do ponto de vista instrumental, como meio e não como fim. Precisamos continuamente nos perguntar pelos fins do conhecimento, senão ele servirá a qualquer fim. Se isto acontecer, ou seja, se considerarmos que o fim da educação já está dado e que não é preciso reconstruí-lo, hoje, à luz das expectativas dos sujeitos que chegam à escola, estaremos naturalizando a concepção de que a função da escola é, por exemplo, preparar para o vestibular, ou mesmo preparar para o mercado de trabalho, e treinaremos esses sujeitos para uma competição desumana contra os demais. (SILVA, 2009, sem paginação).

Deixando essa discussão acima para outro trabalho, apresento, sucintamente, o pensamento de Foucault, no recorte de sua obra “Em defesa da sociedade” (1999), para então expôr alguns conceitos, dispositivos ou ferramentas conceituais foucaultianas, que serão usados no decorrer do presente texto, como forma ou linha para se pensar o cotidiano escolar e seus múltiplos e singulares acontecimentos.

Em um curso ministrado no Collège de France (1975-1976), Foucault faz uma retomada das questões que mobilizaram suas pesquisas (arqueológicas e genealógicas); ele analisa a presença do poder e do saber na formação da sociedade disciplinar e, posteriormente, nas sociedades regulamentares e de controle, investigando o percurso desse tema nas sociedades dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX. Para o desenvolvimento de sua tese, o autor faz um retorno teórico às sociedades que antecederam a sua época (Idade Média até o século XVI e início do século XVII), mostrando as diferenças existentes na forma como o poder soberano era exercido, o qual era caracterizado pelo poder de um indivíduo (soberano) sob os demais (sociedade), poder este exercido sobre a vida e a morte.

Nessa forma analítica de pensar as mudanças e a emergência do poder, Foucault (1999) marca na primeira etapa (os primeiros séculos analisados) a presença da punição e da exposição dos corpos desviantes. A partir disso passa a desmontar e demonstrar os refinamentos presentes, por meio de uma pesquisa genealógica. Descobre que a presença do controle e da vigilância (primeiramente individual e depois dirigida à massa social) não mais expõe as diferenças, mas tenta normatizá-las (regrá-la) dentro de um padrão proposto e internalizado na sociedade, e posteriormente normalizando o sujeito. Esse modo de controle mais refinado é caracterizado na segunda etapa da aplicação do poder sobre o sujeito. Esse novo modo de pensar as relações sociais, viabilizados pelo olhar de Foucault (1999), traz uma subversão às propostas dicotômicas de se entender o poder. Para ele, são as relações, sempre em rede, que formam um quadro fino de controle e de exercício do poder, composto por um grupo estratégico de saberes postos como “verdade”; nesse processo discursivo é que se formam sujeitos em seus vários modos de viver. Nesse processo emergente se produz os mais variados processos de subjetivação. Sobre a questão da disciplina, é necessário fazer a seguinte menção:

Walhausen, bem no início do século XVII, falava da “correta disciplina” como uma arte do “bom adestramento”. O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar mais e ainda melhor. [...] separa, analisa, diferencia, leva seus

processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos [...] **a disciplina “fabrica” indivíduos** [...] O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: **o olhar hierárquico, a sanção normalizadora** e sua combinação em um procedimento que lhe é específico, **o exame** (FOUCAULT, 1987, p. 143 – grifo da autora).

É evidente que para Foucault (1999) o sujeito se faz na contingência de uma realidade social – sendo, portanto, um processo histórico –, o que não impede que este mesmo sujeito, irrompido por discursos sociais (verdade produzidas), se refaça, (re)criando estratégias de fuga e resistências. Não se concebe aqui que o sujeito se encontra aprisionado por certo determinismo social, que como um ser passivo o sujeito sempre, e somente se constitua pelos discursos que o determinam. Contudo, e para além disso, entende-se que há formas de criação de verdades que passam a compôr o mosaico de um ser; ser esse que é fabricado historicamente dentro dos saberes tidos como verdades num determinado momento histórico. Todavia, tal sujeito, ainda assim, se faz na singularidade dos acontecimentos, sendo capaz de produzir resistências ao controle fino da disciplina e da organização espacial e corporal (FOUCAULT, 1999; DELEUZE, 1992).

Para Foucault (1999), são *as tecnologias do poder* que, dentro da sociedade, servem para produzir discursos de verdades sobre o outro. Desta forma, e fazendo um paralelo com o campo educacional, a escola também se forma dentro de certos discursos e traz, por fim, ou ainda, as marcas e práticas do disciplinamento e de produção de verdades na relação com seus educandos. Se utilizássemos o caminho arqueológico para retomar ou (re)fazer um percurso histórico da escola, mais especificamente das disciplinas curriculares e das morais internalizadas como proposta de formação infantil, talvez encontraríamos marcas desse processo disciplinar aplicado aos corpos, na busca de certa docilidade e organização social.

São exatamente as muitas formas de resistências ocorridas no cotidiano escolar, operadas por alunos, que denunciam a existência das relações de saberes e de poderes, e, em conjunto com isso, as lutas internas existentes nesses jogos de relações que visam fazer da escola um espaço de singularidades. Uma organização sim, mas que revela o mosaico de possibilidades de existências humanas.

Para aprofundar esse tema convido o leitor a enveredar nos caminhos fílmicos que possibilitam leituras e reflexões sobre o cotidiano, a escola, suas fronteiras sempre móveis e transitórias, e, ainda, a pensar nas relações e funções do ser professor e do ser aluno.

2. “ENTRE OS MUROS DA ESCOLA”: CENAS, FRONTEIRAS E DIFERENÇAS



Laurent Cantet

Para dar continuidade a esse espaço de conversa, é considerável a contribuição levantada pelo filme “Entre os muros da escola” (CANTET, 2008). Para a presente discussão, a utilização das palavras *entre* e *muros* é plenamente apropriada visto retratar uma realidade fronteiriça. Evidentemente, ao trazer tal contribuição está implicado o viés e a minha interpretação na leitura da obra – o que pressupõe certas diferenças e recriações a partir daquilo que poderia ser chamado de intenção ou proposta inicial do autor quando pensou a produção fílmica.

O enredo do filme se dá dentro de uma sala de aula de uma escola pública francesa – no subúrbio de Paris –, cujo professor (protagonista) encontra-se lecionando a disciplina de Francês. No filme, os alunos, os professores e a equipe escolar levam algo de sua subjetividade, de seu modo de viver, formada por seus afetamentos sociais, culturais e históricos, para o espaço escolar – colocando, assim, a escola em um *entre-lugar*, no qual se confrontam saberes, pelos interstícios, mesclas culturais e diferenças lingüísticas que se dão neste espaço. Dessa forma, esse muro (fronteira) se apaga, ou seja, perdem-se as barreiras quando as relações familiares e sociais também interferem no cotidiano escolar e na forma de ensinar e aprender.

O professor, ao lecionar a disciplina de Francês, parece estar sempre em busca de transmitir o padrão da língua, segundo a norma culta (representando certo poder e saber da verdade); nisso, ele é constantemente questionado e enfrentado pelos alunos, os quais falam conforme e com suas variações dialetais. O conflito se dá pelo fato de tais variações usadas no discurso dos alunos, suas histórias de vida, serem desprestigiadas pela sociedade e pelo próprio professor (é o que parece), mas serem consideradas, para os alunos, formas legítimas de uso da língua. É nesse espaço que são reveladas as muitas divergências de pensamentos, os muitos conflitos identitários, de raças, de culturas, emergindo e mobilizando fortes tensões entre os alunos e o educador. O processo de aprendizagem ocorrido dessa forma, isto é, com as diferenças em contato, postas como um enfrentamento ao professor (figura do poder), leva este professor a pensar guiado pelas

seguintes perguntas: qual a função da escola? Que tipo de conteúdo os alunos aprendem? O que ele, como professor, tem aprendido e ensinado?

Essa reflexão faz observar o fato de que o poder está sempre transitando; não se encontra em uma pessoa, ou em um lugar (no professor ou nos alunos). Muitas vezes, no decorrer do filme, são retratadas cenas que marcam espaços de deslocamento do poder de fala, tal qual em uma arena de luta na qual o poder é encontrado ora aqui, ora ali. E a postura de enfrentamento dos alunos modifica a forma e o plano de aula do professor.

Para ilustrar trechos do filme, segue a citação de um comentarista:

Um jovem mata, a tiros, 15 adolescentes em uma escola da Alemanha e logo após se suicida. A sociedade coloca novamente em xeque os métodos escolares de **disciplinas** utilizados para com os adolescentes. Justamente nesta semana, é lançado o filme “Entre os muros da escola”. Deixando o eufemismo de lado, o longa-metragem é um soco no estômago da educação pública francesa e talvez mundial. [...]

Uma garota chega no final da aula, após o professor de Francês ter perguntado o que os alunos haviam aprendido no ano, e diz com toda a sinceridade de uma menina de 12 anos que não aprendeu nada. Esta cena explica com perfeição o que o premiado filme aborda em sua trama. [...]

Contando com uma diversidade étnica muito grande dos alunos, o professor passa por situações constrangedoras com os solícitos estudantes, que pouco estão interessados em aprender uma literatura que não corresponde às histórias de seus países de origem.

(PUGLIESE, 2009, sem paginação)⁴

É aqui que novamente se busca a ajuda teórica de Michel Foucault (1999), a saber, sobre o racismo de Estado, presente na sociedade regulamentar dos séculos XIX e XX, e que também toma corpo na escola e em seus modos de ensinar certo saber como uma verdade única. O racismo de Estado traz um novo modo de exercício do poder; busca-se a purificação da sociedade diante daquilo que se levanta como anormal, diferente, e por meio de certo discurso se convence a grande massa social desse benefício coletivo que se mostra como um progresso biológico e social das raças.

Nesse momento, a temática racista não vai mais parecer ser o instrumento de luta de um grupo social contra um outro, mas vai servir à estratégia global dos conservadorismos sociais. Aparece nesse momento – o que é um paradoxo em comparação aos próprios fins e à forma primeira desse discurso de que eu lhes falava – um racismo de Estado: um racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre os seus próprios elementos, sobre os seus próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social (FOUCAULT, 1999, p. 73).

⁴ Comentário retirado de um site de nome “Um papo aberto”. Autor: Felipe Pugliese, publicado dia 15 de março de 2009. Para mais informações ver link: <http://umpapoaberto.blogspot.com/2009/03/resenha-do-filme-entre-os-muros-da.html>. Acesso em: 12/06/09.

Se o filme, por um lado, revela a tensão presente nas diferenças históricas, culturais e raciais, e os conflitos daí emergentes, como que levantados por sujeitos que se vêem “calados”, vozes sufocadas, no interior de uma escola, mas que se fazem sujeito ao questionarem a ordem imposta. Pensando com Foucault (1999) posso deduzir que ele apresentaria essas questões como novas formas de controle, articuladas com a disciplina, que objetivam silenciar os saberes desqualificados, por meio das lutas e das guerras de raças. A escola é sim um lugar de encontro de sujeitos e o poder encontra-se perpassando todas as relações nela presentes; tal poder pode servir, ou não, aos interesses estatais e de mercado; ou para a purificação e normalização da sociedade, como mencionado na citação acima. O que se deve buscar é uma forma de conviver com as diferenças, respeitando o outro, em seu modo de aprender, de ser, sem destituir as singularidades presentes.

Eu não quero dizer, é claro, que não há, ou que não se pode atingir nem descrever, os grandes aparelhos do poder. Mas eu creio que estes funcionam sempre sobre a base desses dispositivos de dominação. [...] Concretamente, podemos, é claro, descrever o aparelho escolar ou o conjunto dos aparelhos de aprendizagem em dada sociedade [...] como atuam, como funcionam, como se apoiam, como esse aparelho define certo número de estratégia globais, a partir de uma multiplicidade de sujeições (FOUCAULT, 1999, p. 52).

Dessa maneira, entende-se a escola como responsável por integrar dois tipos de saberes: os dominantes, legitimados como verdade, e os marginalizados ou *saberes menores*, que são os saberes cotidianos e das pessoas (FOUCAULT, 1999; GALLO, 2007). Portanto, *por entre os muros da escola*, os saberes dominantes podem ser impostos, por meio do conteúdo ministrado nas disciplinas, das propostas curriculares e dos padrões de conduta adotados, todavia, neste mesmo lugar podemos ver vários deslocamentos, fragmentação das verdades, apagando, assim, as separações presentes das fronteiras de uma verdade única e sólida. Estes irrompimentos se dão na hibridização dos sujeitos com suas tensões; com isso, compõe-se um mosaico de vozes, por vezes silenciadas, que, de vez em quando, se manifestam em situações de conflito, ecoando caminhos de encontros com as mais variadas formas de diferença e singularidades.

3. A SURDEZ COMO INVENÇÃO SOCIAL: AS FRONTEIRAS E OS DESLIZAMENTOS NO/DO COTIDIANO ESCOLAR



Nicolly Martins (2008)⁵

Para amarrar os dois tópicos supracitados, a saber, o que diz respeito às questões filosóficas da teoria de Foucault (1999) sobre as três vertentes – saber, poder e verdade – e o que a amostra fílmica denuncia das relações de poder na escola e suas múltiplas formas de recriação do sujeito no contexto escolar, o qual tenta fugir às normas impostas por um controle fino das diferenças, levantam-se as questões sobre a surdez e suas fronteiras movediças na escola. Nesse sentido, as três principais razões para o porquê desse tema seriam:

- 1) Por afetar-me de modo singular, levando a pensar, a pesquisar e a escrever sobre isso;
- 2) Pelo fato de que no corpo do sujeito surdo é possível ver um exemplo de exercício de disciplina, de vigilância e de controle por parte dos representantes da verdade dominante, como tentativa de correção da surdez tida como “anormalidade orgânica”;
- 3) Em função de a língua de sinais encontrar-se em fronteira com a língua portuguesa (língua padrão), sendo, por vezes, desqualificada nos espaços institucionais.

A surdez apresenta-se como uma diferença linguística e cultural; mas, para além da questão física, observa-se a existência de uma construção conceitual acerca do fenômeno da própria surdez. Para explicar isso, cabe a seguinte citação:

⁵ Nicolly Martins é minha filha. Meu marido é surdo e por isso, desde cedo minha filha teve contato com outros surdos, nos espaços de encontros comuns que fazíamos. A carta foi escrita na escola em que ela estudava e foi feita para ser entregue na ocasião do Dia dos Pais. Nota-se como a questão da surdez é tomada por ela segundo o viés da anormalidade em um momento, narrando a surdez como defeito; mas retoma ao dizer que o considera normal. Ou seja, pode ser anormal, defeituoso para os outros, mas é normal à ela que o conhece na intimidade e na diferença que não o faz menos. Isso é belo de se perceber!

A surdez é uma grande invenção. Não estou me referindo aqui à surdez como materialidade inscrita em um corpo, mas à surdez como construção de um olhar sobre aquele que não ouve. Para além da materialidade de um corpo, construímos culturalmente a surdez dentro de distintas narrativas associadas e produzidas no interior (mas não fechadas em si mesmas) de campos discursivos distintos – clínico, linguísticos, religiosos, jurídicos, filosóficos etc. (LOPES, 2007, p. 7).

Foucault (2001) em seus escritos apontou, de modo bem interessante, certas formas de correção dos sujeitos tidos como diferentes (loucos, anormais, surdos) no decorrer da história. Tal processo se dá acompanhado de uma série de discursividade que tende a erradicar com tudo que desvia da norma e do padrão social.

A partir dessa forma confusa, mas historicamente decisiva, é necessário estudar o aparecimento, em datas históricas precisas, das diferentes **instituições de correção** e das categorias de indivíduos a que elas se destinam. Nascimento técnico-institucional da cegueira, da **surdo-mudez**, dos imbecis, dos retardados, dos nervosos, dos desequilibrados (FOUCAULT, 2001, pp. 415-416 – grifo da autora).

É nesse campo de tensão e de variados discursos sobre quem é o surdo e o que é a surdez que vemos as mais diferentes formas de subjetivações e de singularidades do ser e fazer-se surdo: por meio da língua oral, da língua de sinais, da mistura entre as duas línguas etc.

Como forma de tangenciar essa questão da surdez entendida como uma área de saber, de estudo e de correção, foi trazido no início do presente tópico o exemplo de uma carta escrita por minha filha de 9 anos e endereçada ao seu pai, surdo. O intuito é de compartilhar como as representações transitam facilmente na sociedade e nos discursos. Ou seja, é possível perceber, por meio desse exemplo, a forma como os discursos sociais vão compondo um campo de representação sobre o diferente, no caso, esse outro, o surdo. Tal é a força desse movimento que na carta aparecem as palavras *defeito*, representando a surdez, ou o ser surdo, e *normal*, fazendo referência àquilo que o pai era para a criança, apesar da sociedade não o ver dessa maneira. Com isso, pode-se colocar a seguinte questão: Como tal proposição pôde ser colocada por minha filha ainda em formação e com tanto contato com pessoas surdas? Quem havia dito tal coisa à ela?

Algumas hipóteses são possíveis. Os discursos que não se calam, que marcam as diferenças como sendo problemas sociais, permanecem falando ainda que sem palavras, por meio dos gestos, dos olhares e das ações preconceituosas.

Retornando esta discussão para a escola. Como o professor recebe um aluno surdo? Como vê o surdo, a língua de sinais, as especificidades dessa existência? Quais os discursos que transitam na escola e para o professor sobre o surdo, a surdez e o ensino?

Os fragmentos e os mitos que vão sendo difundidos na sociedade reverberam em ações políticas na escola: o não uso da língua de sinais, a desvalorização da respectiva

língua, a tentativa de correção ou o apagamento da surdez. Muitas dessas atitudes são incorporadas sem que o educador esteja consciente, mas certamente ecoam sentimentos, formas de reação e resistência nos alunos surdos que se veem em fronteiras linguísticas e culturais, mesmo pertencendo à mesma nacionalidade que os demais.

Olhar para as questões da surdez, ou seja, para o surdo e suas diferenças postas no contexto de fronteira, é um modo de tencionar as naturalizações sobre o outro e colocar, mais próxima da nossa realidade, a questão da diferença. Não precisamos ir a Paris para perceber que a escola coloca muitas barreiras e muros entre educadores e alunos. Basta olhar com maior atenção para a realidade escolar brasileira e assim problematizar a forma com que as políticas educacionais tem nos feito lidar com as diferenças. O que é mais importante: fazer do surdo, ou de qualquer outro aluno “diferente”, um reproduzidor de discursos e de conhecimentos legitimados, ou dar voz e vez àqueles que são, cada vez mais, “neutralizados”, “apagados” e “marginalizados” do sistema escolar pelo poder e pelas verdades impostas?

Quando se observam os movimentos de resistência que muitos alunos, no silêncio de seus corpos, nos revelam, em seus gritos sinalizados, já é possível ter algumas possíveis dicas de rumos a trilhar.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS OU INICIAIS... QUEM SABE?

*O fazer sempre vem acompanhado do
pensar sobre o fazer.*
Benedetti, 2004, p.17.

Finalizar um texto é uma tarefa difícil, na medida em que sempre se tem a sensação de certa incompletude, como uma necessidade de ir adiante, de dizer mais... Porém, é dessa forma que um ciclo aparentemente termina e as inquietações levantadas movimentam o escritor a novas aventuras, e o leitor, a refletir sobre o texto escrito e a produzir em si significados dos mais variados.

Enfim, em todo o movimento do presente artigo, algo que se apresentou como marcante é o fato de que os efeitos das relações de poder e das produções sociais dos regimes de verdade atingem a sociedade como um todo. O movimento de escrita, neste texto, tem como alvo principal sinalizar estas questões: o fato de estarmos constantemente sofrendo os efeitos das relações de poder e das produções sociais, nos regimes de verdades. Vivemos numa trama de relações e com isso afetamos e somos afetados pelo outro. Se nossas inquietações nos mobilizarem a mudanças de postura frente às diferenças, seremos já, parte de mudanças, e foco de contra-movimentação (resistência) nas teias dos saberes legitimados.

A escrita é, sem dúvida, um caminho de luta, conforme aponta Souza (2009) quando se refere às pesquisas de Foucault. Para Souza (2009), Foucault apagou-se em seus discursos a fim de fazer emergir vozes silenciadas, vozes que não teriam como entrar no

discurso e nos jogos de verdades sem um porta-voz. Assim, Foucault escreve a história da loucura, narrando, ou fazendo aparecer, a voz do louco; fala da história da sexualidade, narrando acontecimentos ligados aos homens infames. Utiliza as ferramentas legitimadas pela ciência, textos oficiais, para mostrar as formas de controle existentes e as invenções de verdades, não legítimas, por parte da própria ciência.

Com isso, este texto-ensaio é uma tentativa de denunciar, de minar espaços de lutas e de refletir sobre modos mais éticos de se relacionar com os outros e suas diferenças, dentro da escola ou de qualquer outro espaço institucional que seja. Intencionou-se marcar a invenção, não natural, da surdez como anormalidade social, atentando para a necessidade de revisão das questões éticas de respeito às várias formas de inscrição do sujeito e de suas singularidades. Tais efeitos e reflexões devem estar presentes no cotidiano da escola, pois balizam a estrutura e deslocam as fronteiras, não fixas, entre as alteridades e as subjetividades que ali se formam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, H. G. Entrevista. In: **Conversas com tradutores balanços e perspectivas da tradução**. BENEDETTI, I. C. e SOBRAL, A (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CANTET, L. **Entre os Muros da Escola**. (Filme). Direção: Laurent Cantet. França, 2009. 128 min.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992 a.

_____. & GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. 288p.

FADIGAS, N. **Inverter a educação**: de Gilles Deleuze à filosofia da educação. Portugal: Porto, 2003.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987. 288p.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GALLO, S. **Acontecimento e resistência**: educação menor no cotidiano da escola. In: CAMARGO, A.M.F. de & MARIGUELA (orgs), M. Cotidiano escolar: emergência e invenção. Piracicaba: Jacintha, 2007.

LACERDA, C. B. F. de & POLETTI, J.E. **A escola inclusiva para surdos**: A situação singular do intérprete de Língua de Sinais. In: Anais da 27 reunião anual da ANPED. Caxambu: ANPED, 2004. pp.1-15. Disponível em: www.anped.org.br

LODI, A.C.B. & LACERDA, C.B.F. de. **Uma Escola duas línguas**: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

LOPES, M. C. **Surdez e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUZA, P. de. **Michel Foucault**: o trajeto da voz na ordem do discurso. Campinas: RG, 2009.

SOUZA, R.M. de. Língua de Sinais e Escola: Consideração a partir do texto de regulamentação da língua brasileira de sinais. **ETD** (Educação Temática Digital): Educação dos surdos e língua de sinais. V.7 n.2, 2006. pp. 263-278.

Disponível em: <http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=127&layout=abstract>.

Acesso em: 24 de janeiro de 2010

SILVA, J.A.P da. Um convite à reflexão sobre os muros visíveis e invisíveis da escola. Espaço e Poder, 2009.

Disponível em:

http://74.125.47.132/search?q=cache:n_Txufz8RxAJ:colunassemanais.blogspot.com/2009/04/1umconvitereflexaosobremuros.html+referencia+bibliogr%C3%A1fica+filme+entre+os+muros+da+escola&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br

Acesso em: 24 de janeiro de 2010.

VILELA, E. Resistência e Acontecimento. As palavras sem centro. In: GONDRA, J. KOHAN, W. (Orgs.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 107-128.